

**O JORNALISMO INDEPENDENTE DIGITAL COMO
LUGAR DE MEMÓRIA CONTRA-HEGEMÔNICO NO
CAMPO COMUNICACIONAL**

*INDEPENDENT DIGITAL JOURNALISM AS A COUNTER-
HEGEMONIC PLACE OF MEMORY IN THE
COMMUNICATION FIELD*

*EL PERIODISMO INDEPENDIENTE DIGITAL COMO LUGAR
DE MEMORIA CONTRAHEGEMÓNICO EN EL CAMPO
COMUNICACIONAL*

Victória Araújo Lôbo Costa¹ ORCID: 0009-0009-6241-4405

Elton Moreira Quadros² ORCID: 0000-0003-2802-5990

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil –
victoriaalobocosta@gmail.com

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil –
elton.quadros@uesb.edu.br

Resumo:

Este artigo elabora uma compreensão acerca da importância do jornalismo independente na luta contra o esquecimento, especialmente em oposição às narrativas hegemônicas. Utilizando as perspectivas de teóricos como Pierre Bourdieu, Pierre Nora e Paul Ricoeur, explora como o jornalismo independente tem um papel fundamental na preservação de narrativas negligenciadas, na ampliação das vozes das minorias e no desafio ao poder simbólico no campo comunicacional. Este texto traça, por meio de revisão bibliográfica, como o jornalismo independente atua como um contrapeso ao poder simbólico, desafiando narrativas dominantes e garantindo que eventos e questões importantes não se percam no esquecimento. Também destaca como a digitalização do jornalismo

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 7, n. 14, ano 2024, páginas 166-183

Recebido: 02/09/2024

Aprovado: 05/11/2024

Publicado: 30/12/2024

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

independente expandiu seu alcance global, proporcionando um meio duradouro para a preservação de narrativas críticas. Ao integrar as teorias de Pierre Nora sobre lugares de memória e a teoria do esquecimento de Paul Ricoeur, analisa como o jornalismo independente contribui para a construção de uma memória mais diversificada e representativa.

Palavras-chave: Lugar de Memória. Campo Comunicacional. Jornalismo Independente. Esquecimento. Digital.

Abstract:

This article elaborates on the understanding of the importance of independent journalism in the fight against forgetting, particularly in opposition to hegemonic narratives. Drawing on the perspectives of theorists such as Pierre Bourdieu, Pierre Nora, and Paul Ricoeur, it explores how independent journalism plays a fundamental role in preserving neglected narratives, amplifying the voices of minorities, and challenging symbolic power in the communicational field. Through a bibliographic review, the text traces how independent journalism acts as a counterbalance to symbolic power, defying dominant narratives and ensuring that important events and issues are not lost to oblivion. It also highlights how the digitalization of independent journalism has expanded its global reach, providing a lasting means for preserving critical narratives. By integrating Pierre Nora's theories on sites of memory and Paul Ricoeur's theory of forgetting, it analyzes how independent journalism contributes to the construction of a more diverse and representative memory.

Keywords: Sites of Memory; Communicational Field; Independent Journalism; Forgetting; Digital.

Resumen:

Este artículo elabora una comprensión sobre la importancia del periodismo independiente en la lucha contra el olvido, especialmente en oposición a las narrativas hegemónicas. Basándose en las perspectivas de teóricos como Pierre Bourdieu, Pierre Nora y Paul Ricoeur, explora cómo el periodismo independiente desempeña un papel fundamental en la preservación de narrativas desatendidas, en la amplificación de las voces de las minorías y en el desafío al poder simbólico en el campo comunicacional. A través de una revisión bibliográfica, el texto analiza cómo el periodismo independiente actúa como un contrapeso al poder simbólico, desafiando las narrativas dominantes y asegurando que eventos y cuestiones importantes no se pierdan en el olvido. También destaca cómo la digitalización del periodismo independiente ha ampliado su alcance global, proporcionando un medio duradero para la preservación de narrativas críticas. Al integrar las teorías de Pierre Nora sobre lugares de memoria y la teoría del olvido de Paul Ricoeur, analiza cómo el periodismo independiente contribuye a la construcción de una memoria más diversa y representativa.

Palabras clave: Lugares de Memoria; Campo Comunicacional; Periodismo Independiente; Olvido; Digital.

Introdução

A interseção entre memória, narrativa e o campo comunicacional oferece um espaço fértil para a análise das dinâmicas sociais e culturais que moldam a construção do conhecimento coletivo. Este trabalho busca explorar o papel do jornalismo independente digital como um lugar de memória contra-hegemônico, fundamentado em perspectivas teóricas distintas que, apesar de não convergirem cientificamente, oferecem explicações complementares sobre diferentes conceitos centrais.

Pierre Bourdieu (1989), com seu conceito de poder simbólico, fornece ferramentas para entender as disputas narrativas e as dinâmicas de influência no campo comunicacional. Pierre Nora (1993), introduz a ideia de lugares de memória, que ajudam a refletir sobre os espaços e práticas que preservam ou desafiam narrativas dominantes. Já Paul Ricoeur (2007), contribui para essa discussão com sua reflexão sobre a narrativa e sua teorização sobre a construção da memória e a interpretação da experiência humana. Ricoeur, argumenta que a narrativa é a forma primordial pela qual as pessoas dão significado às suas vidas e ao mundo ao seu redor. O autor também infere acerca do esquecimento proporcionado com o intuito de manter narrativas hegemônicas.

Este artigo também reconhece as diferentes perspectivas sobre o jornalismo independente. O foco está nas iniciativas que promovem narrativas contra-hegemônicas, caracterizadas pelo compromisso com a amplificação de vozes negligenciadas, a veracidade e a ética informativa. Embora existam projetos que se autodenominam independentes, mas que disseminam desinformação ou reproduzem vieses hegemônicos, esta análise prioriza os que buscam registrar histórias e experiências frequentemente ignoradas pelas mídias tradicionais. É importante destacar que, ainda que não alterem diretamente a memória social, essas iniciativas constituem bases de dados valiosas para narrativas ausentes nas grandes mídias e, muitas vezes, na história escrita oficial.

Neste trabalho, serão abordados três eixos principais: a relação entre o poder simbólico e o jornalismo independente digital; a análise dos lugares de memória no contexto digital, com ênfase nas possibilidades e nos desafios que eles apresentam; e a luta contra o esquecimento ideológico, evidenciando a relevância do registro de narrativas alternativas. Por meio de uma revisão bibliográfica, busca-se demonstrar como o

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

jornalismo independente digital contribui para a diversificação da memória, oferecendo um contraponto essencial às narrativas dominantes.

Essas perspectivas teóricas oferecem ferramentas valiosas para a análise e compreensão da importância que o jornalismo independente tem na construção da memória e na formação da opinião pública. Este artigo busca, portanto, explorar a interseção dessas perspectivas teóricas na compreensão do jornalismo independente digital. Este é entendido como um lugar de memória contra-hegemônico, capaz de promover a diversidade de vozes, a investigação crítica e a emancipação intelectual.

O crescimento do jornalismo independente no meio digital

Em busca de se reposicionar no mercado, mas também a fim de recuperar valores fundamentais, deixados em segundo plano pelos meios tradicionais e a busca de reconquistar uma credibilidade perdida pelas novas ideias de verdades e inverdades, muitos jornalistas migraram para o chamado jornalismo independente.

De acordo com Fonseca e Kuhn (2009), “diante desse quadro de mudanças tão acentuadas, parece-nos pertinente e relevante atualizar a discussão acerca da identidade jornalística, bem como tentar traçar o perfil do profissional que hoje está à frente das principais redações” (Fonseca; Kuhn, 2009, p. 5). Como nesses veículos os jornalistas assumem um papel social, os autores explicam que a “objetividade reveste-se do caráter de um ‘mandato civil’ que o alça à condição de representante da sociedade, a despeito das limitações impostas pela realidade da profissão” (Fonseca; Kuhn, 2009, p. 6).

De acordo com os autores, o caráter de independência geralmente vem com expressões como ‘independente’, ‘alternativa’, ‘contra-hegemônica’, ‘lado B’, ‘livre’, ‘periféricas’ ou que se colocam como contraponto à mídia ‘tradicional’, e declaradas, essencialmente, como produtoras de jornalismo.

A noção de independência está relacionada a projetos em plataformas digitais, que sejam uma iniciativa coletiva e sem vinculação com os tradicionais ‘proprietários’ dos veículos de comunicação. Essa última característica apontaria para outro elemento de independência, o financiamento, a partir da autossustentabilidade, “uma das marcas desta geração que está surgindo no jornalismo nacional” (Patrício; Batista, 2020, p. 221).

A amplificação das vozes das minorias é outra dimensão importante que se conecta às ideias de Nora, Bourdieu, Ricoeur e a luta contra o poder simbólico. Os lugares

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

de memória físicos muitas vezes são associados a momentos históricos de resistência ou de afirmação de identidade cultural. Da mesma forma, o jornalismo independente digital serve como um espaço onde vozes marginalizadas e minoritárias têm a oportunidade de se expressar e compartilhar suas narrativas. Isso não apenas combate a invisibilidade, mas também contribui para a construção de uma memória social mais diversificada e representativa.

De acordo com Mariana Reis, o jornalismo independente “é definido, em geral, por ser um jornalismo realizado sem vinculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais, na perspectiva de contraposição à mídia convencional” (Reis, 2017, p.194 apud Lima, 2010, p. 110). Os sites independentes, conhecidos como nativos digitais, atuam “como um laboratório de jornalismo. Sem compromissos com ideologias e hierarquias, ele reinventa modos de narrar, de recepção e até mesmo o modo de se fazer jornalismo” (Oliveira; Stipp, 2015, p. 14).

Considerando a importância da especificidade regional, que também é um marcador do caráter noticioso de uma matéria para determinado público, o jornalismo independente busca se direcionar a pessoas em nichos específicos, seja através do local ou assuntos que se relacionam às vivências de grupo, como LGBTQIAP+, mulheres, povo negro, entre outros.

A amplificação das vozes das minorias é outra dimensão importante que se conecta às ideias de Nora, Bourdieu, Ricoeur e a luta contra o poder simbólico. Da mesma forma, o jornalismo independente digital serve como um espaço onde vozes marginalizadas e minoritárias têm a oportunidade de se expressar e compartilhar suas narrativas. Isso não apenas combate a invisibilidade, mas também contribui para a construção de uma memória mais diversificada e representativa.

O subcampo campo jornalístico como espaço de conflito e transformação social

No âmbito da sociologia e teoria social, a obra de Pierre Bourdieu proporciona uma perspectiva valiosa para entendermos como as relações de poder e os campos sociais influenciam o campo comunicacional, com destaque para o subcampo jornalístico. Bourdieu, argumenta que a sociedade é composta por vários campos sociais, que são arenas de competição e luta pelo capital simbólico. Nessa perspectiva,

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (Bourdieu, 1989, p. 69).

Pierre Bourdieu concebe a sociedade como um complexo de campos sociais, cada um com suas regras e hierarquias. Esses campos são espaços onde os atores sociais competem pelo capital simbólico, que é a representação do prestígio e da autoridade em uma sociedade. No contexto dos campos sociais, os atores buscam acumular capital simbólico para ganhar legitimidade e influência. Para Bourdieu campos são “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)” (Bourdieu, 1983, p.89).

Dentro da estrutura dos campos sociais, o campo comunicacional é particularmente significativo. Este campo é onde os atores sociais, como jornalistas, editores, proprietários de mídia e influenciadores, competem pelo controle das representações e narrativas que moldam a opinião pública. Aqui, o capital simbólico é acumulado através da capacidade de definir agendas, estabelecer narrativas e influenciar a percepção do público.

Dentro do campo comunicacional, o subcampo jornalístico representa um espaço distinto e complexo. É onde jornalistas e profissionais de mídia operam, reportando notícias, analisando eventos e, em última análise, moldando a percepção pública da realidade. No entanto, este subcampo não é homogêneo; ele abriga uma variedade de atores com diferentes interesses, perspectivas e graus de poder. Ainda no século XX, no que tangia a hegemonia da TV, Bourdieu e Passeron diziam:

Posso desejar, mas sem ter muitas ilusões, que minhas análises não sejam recebidas como 'ataques' contra os jornalistas e contra a televisão, inspirados por não sei que nostalgia passadista de uma televisão cultural estilo Tevê Sorbonne ou por uma ecusa, igualmente reativa e regressiva, de tudo o que a televisão, a despeito de tudo, pode proporcionar através, por exemplo, de certos programas de reportagem. Embora eu tenha todas as razões para temer que elas sirvam sobretudo para alimentar apenas a complacência narcísica de um mundo jornalístico muito propenso a lançar sobre si próprio um olhar falsamente crítico, espero que possam contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que, enquanto profissionais da imagem, lutam para que o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica (Bourdieu; Passeron, 1997, p. 13).

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

O subcampo jornalístico é caracterizado por lutas contínuas pela legitimidade e influência. Os jornalistas buscam consolidar sua autoridade e credibilidade, ao mesmo tempo em que enfrentam pressões de proprietários de mídia e interesses comerciais. A competição pelo controle da agenda pública é um elemento central, na qual diferentes atores tentam definir quais questões são consideradas dignas de atenção e debate. No “universo onde estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem seus objetos [...] é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”, em concomitância com as regras sociais gerais (Bourdieu; Passeron, 1997, p. 20).

A chegada da era digital transformou profundamente este subcampo. A ascensão do jornalismo independente digital e das redes sociais trouxe novos atores para a arena, desafiando as estruturas de poder tradicionais. Agora, além dos jornalistas, blogueiros, criadores de conteúdo e cidadãos comuns têm a capacidade de contribuir para o debate público, alterando a dinâmica do subcampo.

Os lugares de memória de Pierre Nora

Pierre Nora, em sua teoria sobre lugares de memória, propõe que a memória coletiva de uma sociedade é preservada em pontos específicos que servem como marcos identitários e históricos. Esses lugares podem ser materiais, como museus, monumentos ou cemitérios, ou imateriais, como tradições, festas populares ou práticas culturais que carregam narrativas simbólicas ao longo do tempo. A característica essencial que define um lugar de memória, segundo Nora, é a intenção explícita de preservação, já que é “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 7).

Nora ressalta que esses lugares não surgem espontaneamente, mas são construídos em um contexto onde a transmissão orgânica da memória foi substituída por uma necessidade consciente de registro e conservação. Sem essa intenção deliberada, os lugares de memória podem se tornarem lugares de história, onde o foco deixa de ser a vivência coletiva do passado e passa a ser a análise crítica e sistemática de eventos e símbolos.

Essa transição reflete o que Nora chama de oscilação entre o memorial e o histórico, evidenciando como as sociedades contemporâneas, em constante transformação, revisitam suas próprias narrativas em busca de significado. Em outras

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

palavras, não se trata mais de simplesmente celebrar uma tradição ou evento, mas de estudar e reinterpretar essas celebrações à luz de novos contextos. “Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações” (Nora, 1993, p. 14).

Com o avanço das tecnologias digitais, os lugares de memória não estão mais restritos ao espaço físico. A internet e os dispositivos digitais possibilitaram a criação de novos ambientes onde a memória é armazenada, compartilhada e acessada. Arquivos digitais, redes sociais, bancos de dados e até mesmo algoritmos que organizam e apresentam informações, podem ser compreendidos como extensões do conceito de Nora.

No âmbito digital, a passagem de uma memória viva para uma memória sistematizada ganha novas dimensões. Dados e metadados se tornam os lugares de memória do presente, organizados em plataformas que armazenam e estruturam narrativas culturais e históricas. Por exemplo, eventos importantes que antes seriam documentados em arquivos físicos agora são digitalizados e integrados a sistemas que permitem não apenas o acesso, mas também a recriação e remixagem da memória.

Esses lugares de memória digitais não apenas refletem as práticas culturais de preservação, mas também levantam novas questões sobre controle, exclusão e curadoria. Quem tem acesso a esses dados? Quem os organiza e quais narrativas eles priorizam? Assim como os monumentos físicos são marcados por quem os constrói e por quais histórias eles contam, os lugares de memória digitais também carregam escolhas que moldam a forma como o passado é apresentado às futuras gerações.

Nesse sentido, a migração para o digital expande o alcance e a relevância dos lugares de memória, mas também nos convida a refletir sobre os desafios éticos e políticos envolvidos na preservação da memória em tempos de alta conectividade e informações fragmentadas.

Assim, com a ascensão da era digital, os lugares de memória começaram a se expandir e a se transformar. Pierre Nora descreve os lugares de memória como espaços onde a memória coletiva se cristaliza, especialmente em contextos onde a transmissão orgânica de memória foi substituída por registros e preservações intencionais.

“Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história” (Nora, 1993, p. 22). Na visão de Nora, esses lugares não são apenas espaços de preservação passiva, mas pontos de articulação entre o memorial e o histórico, permitindo reflexões sobre o passado à luz de novas interpretações.

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

A passagem para o digital, contudo, trouxe uma nova dimensão a essa oscilação. Enquanto os lugares físicos de memória são limitados pelo espaço e pela materialidade, os lugares digitais expandem o conceito para um ambiente fluido e participativo, onde a memória não apenas é arquivada, mas também construída e reconstruída continuamente.

Uma diferença central entre os lugares de memória físicos e digitais está na dinâmica da participação pública. Os lugares físicos, como museus e monumentos, frequentemente apresentam uma narrativa curada e institucionalizada, na qual o público assume o papel de observador ou receptor. Já nos lugares digitais, como redes sociais, sites colaborativos e arquivos online, a memória é constantemente enriquecida pela participação ativa do público. Comentários, compartilhamentos e contribuições transformam esses espaços em campos de construção coletiva, democratizando o processo de preservação da memória e permitindo que uma multiplicidade de vozes participe do diálogo histórico.

Entretanto, essa característica apresenta desafios. No contexto digital, a falta de filtros confiáveis, a ameaça da desinformação e a manipulação de narrativas levantam questões éticas significativas. Como preservar a autenticidade das narrativas em um espaço onde a memória é tão maleável quanto os algoritmos que a organizam? Essa reflexão remete à necessidade de novas formas de regulação e transparência no ambiente digital.

Apesar do crescimento dos lugares digitais de memória, os espaços físicos não perderam sua relevância. Como Nora (1993) sugere, os lugares de memória físicos continuam a oferecer uma experiência tangível que conecta as pessoas diretamente ao passado, criando um senso de continuidade e pertencimento que os lugares digitais nem sempre conseguem replicar. No entanto, o digital também deixa suas marcas nesses espaços. Museus e monumentos agora frequentemente incorporam elementos digitais, como tours virtuais, aplicativos interativos e acervos online, ampliando sua acessibilidade e relevância no mundo contemporâneo.

Essa convergência entre o físico e o digital aponta para uma transformação dos próprios lugares de memória: de âncoras estáticas para plataformas híbridas, onde o passado e o presente dialogam de maneira mais dinâmica e inclusiva. Assim, os lugares de memória digitais não apenas complementam os físicos, mas também redefinem o que significa de preservar e transmitir a memória em um mundo em constante evolução.

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

O jornalismo independente digital como um lugar de memória

A revolução digital transformou radicalmente a maneira como a sociedade se relaciona com a memória. Com o acesso instantâneo à informação e a capacidade de armazenar uma quantidade quase ilimitada de dados, o meio digital se tornou uma ferramenta poderosa para a preservação da memória coletiva. Plataformas online, como redes sociais, blogs, sites de notícias independentes e arquivos digitais, têm lugar central nesse processo. Quando relacionamos isso à memória, podemos compreender que

[...] os jornais não criam uma memória qualquer, como se fosse uma lembrança difusa do passado – o jornalismo opera sob um contrato de comunicação e, por isso, tem a obrigação de assegurar que aquilo que está sendo narrado possui autenticidade. De antemão, a expectativa do público leitor é que não seja um relato ficcional. Os jornais precisam apresentar provas do que aconteceu (Marcilio, 2018, p. 11).

As narrativas digitais se destacam como uma forma moderna de preservar histórias e experiências. Blogs pessoais, vlogs, mídias sociais e plataformas de compartilhamento de histórias permitem que indivíduos e comunidades compartilhem suas vivências de maneira acessível e global. Essas narrativas digitais são fluidas e evoluem com o tempo, refletindo a natureza dinâmica da memória coletiva.

Ao desafiar narrativas convencionais e promover pautas contra-hegemônicas, jornalistas que atuam nesse campo não apenas reportam eventos, mas também desempenham o papel de curadores de histórias marginalizadas. Seus sites, reportagens especiais e até perfis em redes sociais, tornam-se lugares digitais de memória, espaços onde eventos, questões e vozes marginalizadas são registrados e preservados, muitas vezes em oposição às narrativas dominantes.

Assim, ao pensar em tais questões, pudemos vislumbrar que o jornalismo também possui uma dimensão memorialística que acaba sendo cíclica – periodicamente, pela força de uma efeméride, os jornais utilizam a marcação das datas para lembrar e narrar o passado a partir de parâmetros próprios da atividade jornalística (Marcilio, 2018, p. 10).

Contudo, é importante destacar que os lugares de memória contra-hegemônicos no ambiente digital possuem características distintas quando comparados aos espaços digitais convencionais. Eles se diferenciam por sua intencionalidade política e social, buscando ativamente romper com as narrativas oficiais e abrir espaço para vozes e perspectivas negligenciadas. Enquanto qualquer espaço digital pode funcionar como um lugar de memória – em plataformas colaborativas ou redes sociais, por exemplo – os

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

lugares contra-hegemônicos são marcados pela crítica, pela descentralização do poder e pela resistência a formas institucionais de controle da memória.

No meio digital, uma característica marcante dos lugares de memória é a participação ativa do público. Comentários, compartilhamentos, interações e contribuições colaborativas demonstram como a construção da memória se tornou um esforço coletivo. Essa democratização da memória é ainda mais evidente em iniciativas contra-hegemônicas, onde vozes individuais e coletivas têm o poder de moldar narrativas que desafiam as versões oficiais do passado.

Ao enfatizar o caráter colaborativo, é necessário também reconhecer os desafios enfrentados pelos lugares contra-hegemônicos de memória. Além das questões de confiabilidade e da presença de desinformação no ambiente digital, esses espaços precisam lidar com a resistência de estruturas dominantes, que frequentemente tentam silenciar ou deslegitimar narrativas alternativas. Assim, os lugares digitais de memória contra-hegemônicos não são apenas espaços de preservação, mas também de disputa e negociação da memória coletiva.

Dessa forma, ao analisar os lugares digitais de memória, é essencial distinguir entre o que Nora (1993) identifica como intenção de memória e o caráter crítico e politizado que define os espaços contra-hegemônicos. Esses lugares transcendem o mero registro de eventos, tornando-se instrumentos de luta por visibilidade, inclusão e transformação social. A comparação com espaços digitais generalistas reforça a ideia de que a memória contra-hegemônica não apenas opera de maneira diferente, mas também carrega um peso político que influencia diretamente a construção de identidades e a resistência a narrativas dominantes.

Se pensarmos nestes lugares, desta maneira, fragmentados, com rupturas, de fato a memória passa a ser o resto, assim como são os restos de um tecido, são retalhos, recortes. Mas também podemos pensar que em cada aresta destes retalhos há pontuações repletas de conexões abertas a "se encaixar" num outro retalho. Acredito que esta metáfora em termos de tecido é perfeita para o que entendemos aqui em termos de narrativa, memória e lugar. Assim, a memória sendo o "fio" com ao qual narramos "fiamos" e con-fiamos (fiar juntos e também confiar = acreditar) e; onde - lugar - estivermos, física e mentalmente, sendo reportados e despertados por imagens, cheiros, gostos, sensações térmicas, nossa "confecção é pura conexão. Esta conexão do lugar de memória possui uma estrutura complexa e composta também por elementos complexos em si, sejam eles: a) Material - realidades dadas e manejáveis; b) Simbólica - garante a cristalização das lembranças e sua transmissão e; c) Funcional - liga os ritos fundadores. Ora, as engrenagens que colocam tais elementos em movimento são:

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

vontade/desejo; decisão/escolha; busca/curiosidade (Novaes, 2014, p. 102).

Embora Halbwachs (2006) e Ricoeur (2007) abordem a memória coletiva e social sob perspectivas diferentes – sendo que Ricoeur explora a relação entre a memória individual e social em termos de narrativa e temporalidade –, Halbwachs, estudioso da memória coletiva, oferece uma explicação que nos auxilia a compreender a relação entre memória e espaço. Sua visão, mais centrada na sociologia, argumenta que a memória coletiva está profundamente enraizada no contexto espacial onde os grupos se formam e interagem.

Halbwachs (2006) destaca que os marcos sociais e os espaços físicos resistem ao tempo e se tornam referências para o grupo, funcionando como suportes que conectam o presente ao passado. Nesse sentido, ele afirma que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. O espaço é uma realidade que dura” (Halbwachs, 2006, p. 170). Contudo, o autor também reconhece que o espaço por si só não é suficiente para sustentar a memória de um grupo. A memória só se concretiza quando mediada pelas práticas sociais e pelas relações que se desenvolvem nesse contexto: “não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha nenhuma relação com o lugar” (Halbwachs, 2006, p. 173).

Essa ideia complementa a noção de Pierre Nora sobre os lugares de memória, que não apenas representam o passado, mas operam como ferramentas para resistir ao esquecimento. Novaes (2004, p. 225), ao comentar Nora, reforça que a principal função de um lugar de memória é “deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte.” Isso significa que os lugares, sejam físicos ou narrativos, desempenham um papel ativo na preservação da memória coletiva, organizando-a em torno de marcos significativos.

Portanto, ao refletir sobre a construção da memória coletiva, tanto o espaço físico quanto as narrativas que o interpretam se mostram indispensáveis. Como Novaes (2004, p. 225) observa, “bloqueamos o trabalho do esquecimento e colocamos a memória para trabalhar por meio da sua melhor forma de representação, ou seja, da narrativa.” Essa interação entre o espaço e a narrativa ajuda a dar sentido e permanência aos significados que sustentam a memória coletiva.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual nos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (Nora, 1993, p. 7).

À medida que a tecnologia continua a evoluir, é provável que o meio digital como lugar de memória continue a se expandir e se transformar. A realidade virtual, a inteligência artificial e outras inovações podem oferecer novas maneiras de preservar e interagir com a memória coletiva. No entanto, os desafios éticos e a necessidade de preservar a autenticidade das narrativas devem permanecer no centro das discussões e o jornalismo independente local é essencial para essa preservação.

O jornalismo independente e a luta contra o esquecimento ideológico

Paul Ricoeur (2007) argumenta que o esquecimento é uma parte inerente do processo de lembrar e narrar. Ele enfatiza que a memória não é um mero registro passivo de eventos, mas uma construção ativa que envolve a seleção e a interpretação de informações. O esquecimento, portanto, não é apenas uma falha da memória, pois permite que certos elementos sejam destacados e organizados em narrativas coerentes.

Ricoeur (2007) postula que as narrativas fazem parte do processo de preservação da memória. As histórias que contamos a nós mesmos e aos outros são essenciais para dar significado às nossas vidas e ao mundo ao nosso redor. Através da narrativa, organizamos eventos passados em uma estrutura coerente, atribuindo-lhes significado e contexto.

É no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. A dominação não se limita à coerção física. Até o tirano precisa de um retórico, de um sofismo, para transformar em discurso sua empreitada de sedução e intimidação. [...] Torna-se possível vincular os abusos expressos da memória aos efeitos de distorção que dependem do nível fenomenal da ideologia. Nesse nível aparente, a memória imposta está armada por uma história ela mesma "autorizada", a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente (Ricoeur, 2007, p. 98).

Para Ricoeur (2007), o esquecimento também tem implicações para a construção da identidade. À medida que lembramos e narramos nossas experiências, moldamos nossa identidade pessoal e cultural. O esquecimento se torna um mecanismo de seleção que

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

permite que aspectos significativos se destaquem, enquanto detalhes menos relevantes são deixados de lado.

No entanto, o autor também reconhece os desafios e as limitações da memória. Proporcionalmente, quando as narrativas evoluem e os eventos se distanciam no tempo, a memória pode se tornar imprecisa e sujeita a distorções. A busca pela verdade na memória é complexa e muitas vezes desafia a objetividade.

Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada - da história oficial. O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou lisonja. Está aqui uma forma arditosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos. Mas esse desapossamento não existe sem uma cumplicidade secreta, que faz do esquecimento um comportamento semipassivo e semi-ativo, como se vê no esquecimento de fuga, expressão da má-fé, e sua estratégia de evitação motivada por uma obscura vontade de não se informar, de não investigar o mal cometido pelo meio que cerca o cidadão, em suma por um querer-não-saber (Ricoeur, 2007, p. 455).

À medida que mais aspectos da vida cotidiana são registrados e armazenados em formatos digitais, a seleção e a interpretação de informações tornam-se ainda mais cruciais. A construção de narrativas online e o compartilhamento de experiências em mídias sociais são exemplos de como a teoria de Ricoeur se manifesta na era digital.

Para Ricoeur (1990, p. 56), “interpretar é explicitar o ser-no-mundo manifestado diante do texto” e o que “deve ser interpretado em um texto é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios”. Ricoeur (1990, p. 36) compreende, ainda, que “o silêncio é constitutivo do discurso”.

O jornalismo independente contra-hegemônico tem o potencial de questionar narrativas dominantes e dar visibilidade a vozes frequentemente ignoradas pelos grandes meios de comunicação. Embora seja um contrapeso importante à concentração midiática, enfrenta desafios significativos, como a dificuldade de sustentar operações em um ambiente dominado por grandes conglomerados, além da necessidade de equilibrar sua autonomia com práticas éticas e rigorosas de apuração. Ainda assim, seu compromisso

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

em abordar questões negligenciadas o torna essencial para promover pluralidade e diversidade no debate público.

Infelizmente, nada impede a ultrapassagem da tênue linha que separa a anistia da amnésia. Nesse contexto, a memória, tanto privada quanto coletiva, seria privada da crise salutar de identidade que permite uma reapropriação lúcida do passado e de suas marcas traumáticas. Sem essa provação, a instituição da anistia responde apenas a um objetivo de terapia social emergencial, regida pela utilidade em vez da verdade. Se o esquecimento for legitimado, não será para calar o mal, mas para enunciá-lo de forma apaziguada, sem cólera (Ricoeur, 2007, p. 462).

Como destacou Pierre Bourdieu (1989), o campo comunicacional é atravessado pelo poder simbólico, onde atores sociais competem pelo controle das representações e narrativas. Nesse cenário, o jornalismo independente desafia as narrativas dominantes e oferece uma perspectiva crítica. Essa atuação permite que vozes historicamente silenciadas ganhem espaço, criando um ambiente de contestação e promovendo a diversidade narrativa.

Por outro lado, essa prática enfrenta barreiras, como restrições financeiras, disputas por credibilidade e dificuldade de atingir um público amplo. Além disso, a fragmentação característica do modelo independente pode dificultar a construção de consensos e estratégias de impacto duradouro.

Ao tratar de temas como direitos humanos, justiça social, discriminação e corrupção, o jornalismo independente contribui para uma memória coletiva mais plural. No entanto, ele também corre o risco de reproduzir parcialidades ou limitações inerentes às perspectivas de seus próprios agentes. Assim, enquanto desempenha um papel significativo na preservação de narrativas alternativas, o jornalismo independente opera dentro de um campo permeado por tensões e contradições, refletindo os desafios inerentes à prática jornalística em geral.

Conclusão

No início do século 21, com a sociedade imersa em uma era de informações em constante transformação, o campo da comunicação presenciou o surgimento do jornalismo independente contra-hegemônico no meio digital como um fenômeno significativo. Nesse contexto, esses veículos e profissionais conquistaram espaço ao desafiar narrativas predominantes e explorar temas frequentemente negligenciados pela

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

grande mídia. Contudo, sua atuação também carrega desafios, como a busca por credibilidade, sustentabilidade financeira e alcance em um ambiente digital cada vez mais fragmentado.

Apesar dessas limitações, o jornalismo independente digital tem se destacado como uma força capaz de tensionar o discurso público, oferecendo perspectivas críticas e ampliando a diversidade de vozes no debate contemporâneo. Este artigo examinou a complexidade desse movimento, evidenciando seu papel como um lugar de memória contra-hegemônico no panorama comunicacional atual.

Ao considerar as perspectivas de Pierre Nora, Pierre Bourdieu e Paul Ricoeur, pudemos apreciar a complexidade e a profundidade desse fenômeno. Pierre Nora (1993) compreende que a memória está intrinsecamente ligada a espaços físicos e símbolos culturais. Também podemos estender essa noção para abraçar os lugares digitais de memória que são as plataformas online usadas também pelo jornalismo independente digital. Esses locais digitais não apenas preservam narrativas esquecidas, mas também desafiam as narrativas dominantes que muitas vezes moldam nossa compreensão do mundo.

Por meio de Pierre Bourdieu, compreendemos que o jornalismo independente digital atua como um contrapeso ao poder simbólico no campo comunicacional. Enquanto atores sociais e instituições competem pelo controle das representações e narrativas, esses jornalistas independentes acumulam capital simbólico ao promoverem pautas contra-hegemônicas, desafiando assim as dinâmicas de poder simbólico que remodelam a narrativa pública.

Além disso, Paul Ricoeur enfatiza a importância das narrativas na construção da memória. A amplificação das vozes das minorias e marginalizadas é uma dimensão vital do jornalismo independente digital, que serve como um espaço inclusivo onde essas vozes podem finalmente se expressar e compartilhar suas narrativas, contribuindo para uma memória coletiva mais diversificada e representativa.

O meio digital, como plataforma de memória e engajamento, fortalece ainda mais a conexão entre jornalistas independentes e seu público. Essas plataformas digitais não apenas armazenam e disseminam informações, mas também fornecem um espaço para o engajamento direto e a interação com os leitores, promovendo assim um ciclo de construção de memória dinâmica e participativa.

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

Em resumo, o jornalismo independente digital vai além da simples reportagem, desempenhando um papel significativo na maneira como determinados grupos sociais lembram, interpretam e compartilham histórias. Embora enfrente desafios como a sustentabilidade financeira e a disputa por visibilidade, ele contribui para a preservação de narrativas relevantes, o questionamento do poder simbólico e a valorização da narrativa como ferramenta central.

Na era digital, esse movimento se apresenta como um elemento essencial para a construção de uma memória plural, permitindo que vozes diversas e histórias significativas tenham espaço, embora ainda existam questões sobre suas relações e intersecções no meio comunicacional, além da dificuldade na diferenciação com veículos de comunicação também envolvidos com política, mas sem centralidade em questões ligadas aos direitos humanos e à justiça social. Tendo, dessa forma, seu impacto condicionado pela capacidade de equilibrar independência, rigor e alcance, em um cenário midiático em constante transformação.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato. (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p.46-81.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU; Pierre; PASSERON, Jean. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. **Jornalista contemporâneo: Apontamentos para discutir a identidade profissional**. Intexto, 2: 57-69, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

HALBWACHS, Maurice. 1877-1945. **A memória coletiva**. tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MARCILIO, Daniel Augusto Pereira. **Jornalismo e Memória: A construção da narrativa de si em edições comemorativas de aniversário no jornal Correio do Povo (1905 – 1975)**. 145 f. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

OLIVEIRA, Andresa Caroline Lopes de; STIPP, Silvia Brandão Cuenca. **Jornalismo**

O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional

Victória Araújo Lôbo Costa • Elton Moreira Quadros

Independente e novas narrativas: um olhar sob a série Amazônia Pública. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2015, Uberlândia. Anais. Intercom, 2015. p.1-15. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1257-1.pdf>. Acesso em: 11 de março de 2021.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil.** Vozes&Diálogo. Itajaí, v. 16, n. 01, jan. /jun. 2017.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

_____. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

Informações dos autores

Victória Araújo Lôbo Costa. Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Contribuição de autoria: autora.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5323623525026039>

Elton Moreira Quadros. Doutor em Memória, Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, Memória e Justiça.

Contribuição de autoria: coautor.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0927418505386365>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

COSTA, Victória Araújo Lôbo; QUADROS, Elton Moreira. O jornalismo independente digital como lugar de memória contra-hegemônico no campo comunicacional. **Perspectivas e Diálogos:** Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 14, 2024, p. 166-183.